



ENTRE IMAGENS E EXISTÊNCIA: CINEMATOGRAFIAS DA DIFERENÇA

PROFS. LAÍSSA FERREIRA E RIVA NASCIMENTO

Ementa

A imagem cinematográfica é mais do que representação: é uma forma de pensamento sensível. Ao narrar vidas, inscrever corpos e montar afetos, o cinema nos convida a refletir sobre as múltiplas experiências da existência. Pensar o cinema filosoficamente é mergulhar em questões éticas, políticas e ontológicas por meio de uma linguagem estética que atravessa o cotidiano e desestabiliza certezas.

Como pensar a existência a partir das imagens que nos atravessam todos os dias? O cinema, enquanto arte do tempo e do olhar, oferece uma via privilegiada para refletir sobre as formas de viver, resistir e sonhar. Em cada plano, cada corte ou silêncio, condensam-se modos de ver e de ser no mundo. Este projeto propõe uma jornada filosófica por meio de filmes que interrogam o corpo, a norma, o desejo, a memória, a técnica e a justiça — dimensões fundamentais da vida contemporânea. Não se trata de “ilustrar” conceitos filosóficos previamente definidos, mas de construir um espaço sensível em que pensamento e imagem se contaminam mutuamente.

A proposta envolve encontros semanais com exibição e análise crítica de obras cinematográficas, articulando questões filosóficas ao repertório audiovisual contemporâneo e clássico. O objetivo é desenvolver o pensamento filosófico por meio do diálogo entre razão e sensibilidade, entre conceito e imagem, entre teoria e experiência. A imagem, aqui, é compreendida como um dispositivo de visibilidade e crítica — um campo de conflitos que revela e interroga, sem se deixar reduzir a uma função didática.

A partir de autoras e autores como Hannah Arendt, Judith Butler, Frantz Fanon, Georges Didi-Huberman, bell hooks, Byung-Chul Han e Michel Foucault, os encontros serão organizados como espaços de criação e reflexão, nos quais a filosofia não será apresentada como um sistema fechado, mas como prática de problematização do mundo. Atravessando imagens e ideias, os estudantes serão convidados a pensar com o cinema, a escutar seus silêncios, a desafiar suas formas e a produzir outros modos de ver — e, assim, outros modos de existir.

Objetivo geral

- Promover a formação filosófica, crítica e sensível dos estudantes a partir da experiência estética do cinema, entendendo a imagem como forma de pensamento e como campo de disputa simbólica, ética e política.

Objetivos específicos

1. Estimular o pensamento filosófico a partir da análise crítica de obras cinematográficas que problematizem temas centrais da existência, como liberdade, corpo, desejo, memória e justiça.
2. Desenvolver a capacidade de leitura estética e conceitual de imagens, compreendendo o cinema como forma de pensamento e intervenção no real.
3. Promover práticas de escuta, debate e reflexão coletiva, valorizando a multiplicidade de olhares e experiências na construção filosófica.

Metodologia

Cada encontro será estruturado da seguinte forma:

1. Contextualização do Filme: Breve introdução sobre a obra, seu diretor e o contexto histórico-social.
2. Exibição e Discussão: Trechos selecionados serão exibidos e analisados à luz de conceitos filosóficos.
3. Debate Filosófico: Discussão orientada por perguntas norteadoras e textos de apoio.

Filmes e temas filosóficos:

MÓDULO 1 – VER E EXISTIR

1. Ver é existir? O que é olhar?

"Como você vê o mundo?"

- Filmes: *Janela da Alma* (2001, Dir. João Jardim e Walter Carvalho) ou *O Olhar Invisível* (2010, Dir. Diego Lerman) ou *Estranhas Criaturas* (2019, Dir. Flora Dias e Juruna Mallon)

Questão mobilizadora: "Enxergar é o mesmo que ver? Como o olhar molda nossa existência?"

Conceitos filosóficos: Percepção em Merleau-Ponty e imagem em Susan Sontag, visibilidade e poder

2. O que o cinema nos ensina a ver?

- Filmes: *A Liberdade é Azul* (1993, Dir. Krzysztof Kieslowski) ou *Roma* (2018, Dir. Alfonso Cuarón)

Conceito: A imagem como pensamento (Gilles Deleuze).

MÓDULO 2 – CORPO, IDENTIDADE E DIFERENÇA

3. Quem sou eu? Corpo, desejo e norma

"Como o corpo define (ou não) quem somos?"

- Filmes: *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2014, Dir. Daniel Ribeiro) ou *Me Chame Pelo Seu Nome* (2017, Dir. Luca Guadagnino) ou *A Pele que Habito* (2011, Pedro Almodóvar)

Conceitos: Judith Butler (performatividade de gênero), bell hooks (olhar crítico racializado).

4. O que é desvio?

- Filmes: *Tomboy* (2011, Dir. Céline Sciamma) ou *Corpo Elétrico* (2017, Dir. Marcelo Caetano)

Conceito: O olhar opositor (bell hooks), corpos fora da norma, vida precária.

MÓDULO 3 – LIBERDADE E CONTROLE

5. O corpo disciplinado

- Filmes: *Matrix* (1999, Wachowski Sisters) ou *Clube da Luta* (1999, David Fincher)

Questão mobilizadora: "Como as instituições moldam corpos e comportamentos?"

Conceitos: Michel Foucault (biopoder e vigilância), Erving Goffman (identidade institucionalizada).

6. O mundo normativo e a medicalização

- Filmes: *O Poço* (2019, Dir. Galder Gaztelu-Urrutia) ou *Garota, Interrompida* (1999, Dir. James Mangold)

Questão mobilizadora: "O que significa ser normal em uma estrutura desigual?"

Atividade: Análise coletiva do cenário como metáfora do controle e da normatização.

Conceitos: Byung-Chul Han (sociedade do desempenho, psicopolítica).

MÓDULO 4 – VIOLÊNCIA, EXCLUSÃO E RESISTÊNCIA

9. Injustiça e resistência social

- Filmes: Que Horas Ela Volta? (2015, Dir. Anna Muylaert) ou Central do Brasil (1998, Dir. Walter Salles)

Questão mobilizadora: "O que é justiça para quem sempre serviu?"

Conceitos: Justiça, desigualdade, afeto político (Arendt, Fanon).

10. Quem pode resistir?

- Filmes: Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964, Glauber Rocha) ou Selma (2014, Dir. Ava DuVernay)

Questão mobilizadora: "Toda resistência é visível? Quem conta a história dos que resistem?"

Atividade: Comparar imagens históricas e suas representações ficcionais.

Conceitos: Achille Mbembe (necropolítica), Angela Davis (encarceramento e luta coletiva).

MÓDULO 5 – TEMPO, MEMÓRIA E SENTIDO

7. A percepção do tempo no cinema

- Filmes: A Chegada (2016, Dir. Denis Villeneuve) ou A Árvore da Vida (2011, Dir. Terrence Malick)

Questão mobilizadora: "O tempo é algo que se mede ou que se vive?"

Conceitos: Duração (Henri Bergson), tempo messiânico (Agamben), tempo da experiência.

8. Memória, afeto e existência

- Filmes: O Espelho (1975, Dir. Tarkovsky) ou Vidas Secas (1963, Dir. Nelson Pereira dos Santos)

Conceito: Tempo esculpido (Tarkovsky), eterno retorno (Nietzsche), narratividade e identidade.

Avaliação

A avaliação do projeto será **formativa, processual e coletiva**, priorizando a escuta, a participação e a criação crítica dos(as) estudantes ao longo de todo o percurso. Mais do que medir resultados, ela busca acompanhar o envolvimento filosófico e estético dos(as) participantes, respeitando diferentes modos de expressão.

Bibliografia:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. O tempo que resta: um comentário à Carta aos Romanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

ARENDT, Hannah. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BERGSON, Henri. Duração e simultaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAVIS, Angela. Estarão as prisões obsoletas? São Paulo: Boitempo, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem. São Paulo: Editora 34, 2013.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HAN, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOBS, bell. O olhar negro: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SOLANAS, Fernando; GETINO, Octavio. Por um terceiro cinema. In: XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 89–102.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TARKOVSKY, Andrei. Esculpir o tempo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.